

# REMONTAGEM DO TEMPO NA PRAÇA DA MATRIZ, PORTO ALEGRE

## Fotografia, fragmento e memória

*REASSEMBLING TIME  
IN THE PRAÇA DA MATRIZ, PORTO ALEGRE  
Photography, fragment, and memory*

**Felipe da Silva Rodrigues<sup>1</sup>**

### Resumo

Este artigo apresenta a descrição do processo de collage, desenvolvido para a realização de um vídeo em 360°. Descrevendo, passo a passo, os caminhos percorridos para a construção dos panoramas criados, a partir da utilização de imagens, com o intuito de remontar o tempo na Praça da Matriz, Porto Alegre, RS, Brasil. A collage é trazida aqui como uma ferramenta de reapresentação ao se utilizar de fotografias do passado como fragmentos de memórias dos processos de transformação urbana, para a construção de um panorama que explicita as mudanças ocorridas na Praça. Oportunizando, deste modo, a possibilidade de se (re)narrar a cidade de outras perspectivas.

Palavras-chave: collage, fotografia, cidade, memória, narrativa.

### Abstract

*This article presents the description of the collage process, developed for the making of a 360° video. Describing, step by step, the ways taken for the construction of the panoramas created, from the use of photographs from the past, in order to reassemble the time at Praça da Matriz, Porto Alegre, RS, Brazil. Collage is brought here as a tool of re-presentation when using photographs from the past as fragments of memories of urban transformation processes, for the construction of a panorama that explains the changes that occurred in the square. In this way, it provides an opportunity to (re) narrate the city from other perspectives.*

*Keywords: collage, photography, city, memory, narrative.*

### Introdução

Este artigo retoma um projeto sobre a reconstrução em 360° da Praça da Matriz<sup>2</sup>, através de imagens, como uma maneira para se investigar as transformações urbanas ocorridas ao longo do tempo na cidade. A pesquisa apresentou-se como uma oportunidade de estudo da cidade por meio de fotografias. Assim, o artigo tem como objetivo apresentar uma remontagem do tempo na Praça da Matriz de Porto Alegre e, a partir da collage de fotografias do passado, fragmentos de memória, (re)narrar os processos de transformação urbana ocorridos em Porto Alegre.

A Praça da Matriz pode ser entendida como um fragmento da cidade, um pedaço que se liga a um todo maior, como coloca Walter Benjamin: “Assim fala a vontade de totalização simbólica, como o humanismo a venerava na figura humana. Mas é sob a forma de fragmentos que as coisas olham o mundo, através da estrutura alegórica”. (1984, p.208). Deste modo, as metamorfoses que ocorreram na Praça podem ser observadas em outras partes da cidade. A Praça da Matriz, como apresenta Sandra Pesavento (1999, p.10), foi o local de “nascimento” oficial de Porto Alegre, no Alto da Praia, por meio de uma provisão régia que criou a Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais em 26 de março de 1772. A Praça ainda se configura como um local central na cidade e objeto de diversas representações ao longo do tempo. Deste modo, fragmentos de memórias sobre a cidade podem ser acessados a partir de representações da Praça da Matriz.

O mesmo se dá com uma fotografia da qual participamos: ao vê-la, temos a necessidade de recompor, de reconstituir, através da memória, o acontecimento por ela registrado. De um modo geral, os fragmentos podem, em sua particularidade ou em seu todo, ser um modo de falar do próprio conjunto. O todo não é a soma de partes ou fragmentos, embora os fragmentos façam o todo (FUÃO, 2011, p.14).

Memórias suscitadas por imagens e reconstituídas pela imaginação, como traz Paul Ricoeur, “é sob o signo da associação de idéias que está situada essa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela” (2007, p.25). Assim, através de fotografias, representações do passado da Praça da Matriz, é possível trazer à tona algumas memórias da cidade por meio do processo de collage.

Deve-se frisar a representação como uma versão, dentre todas as possíveis, de se retratar a cidade. Tendo em vista que “a representação é a tradução visual e/ou mental de uma realidade exterior percebida, é a re-apresentação de algo que se encontra ausente no tempo e/ou espaço” (PESAVENTO, 1995, p.34). Levando em conta que a representação precede de uma intencionalidade, o que se deseja evidenciar, ou esconder, uma pintura ou uma fotografia não conseguem representar tudo ao seu redor. “Há uma parcela do universo circundante que não é passível de um registro fotográfico satisfatório, que não se mostra pela fotografia e que, portanto, ficaria de fora da representação” (VIEIRA, 2018, p.42). Logo, a representação em si é um fragmento de uma totalidade. A qual pode ser reapresentado pela junção de seus fragmentos.

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Desenvolvimento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/2023) e Graduado em Comunicação Social (PUCRS/2008). Bolsista PROEX/CAPES, pesquisador do Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (PROPUR/GEDURB) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS/BIEV).

<sup>2</sup> Pesquisa desenvolvida no período da bolsa de Iniciação Tecnológica e Inovação no Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV/UFRGS, entre 2017 e 2018, sob a orientação das professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert.



Figura 1 - Chafariz em alusão aos rios afluentes da Bacia do Guaíba em frente ao Theatro São Pedro. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor Virgílio Calegari, 1880; e fotografia com o Monumento a Júlio de Castilhos em frente ao Theatro São Pedro. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, Virgílio Calegari, década de 1920.

Muitos já representaram e seguem representando a Praça da Matriz. Desde viajantes como Jean Baptiste Debret e Herrmann Rudolf Wendroth, com suas pinturas, até fotógrafos, antigos ou contemporâneos. O que eles buscaram ao representar o local em imagens? Permanece algum resquício do Alto da Praia na forma da Praça da Matriz na atualidade? Com a collage, de tempos distintos, presentes nos fragmentos do passado, será possível evidenciar as suas intencionalidades. Bem como, dar visibilidade às memórias da cidade que ainda seguem presentes na Praça da Matriz.

### Desenvolvimento

A Praça da Matriz apresenta uma importância simbólica e material para a cidade de Porto Alegre. Na Praça, encontram-se a Catedral Metropolitana (esfera religiosa); o Palácio Piratini (esfera política); o Palácio da Justiça (esfera jurídica); Assembléia Legislativa (esfera democrática); e o Theatro São Pedro (esfera cultural). Edificações icônicas que ajudam a narrar a história da própria cidade. Ricoeur<sup>3</sup> correlaciona a arquitetura e a narrativa.

Como ponto de partida, gostaria de traçar uma analogia, ou melhor, o que à primeira vista parece ser apenas uma analogia: um estreito paralelismo entre arquitetura e narrativa: a arquitetura seria para o espaço o que a história é para o tempo, aquela é uma operação de “configuração”; um paralelismo entre, por um lado, o ato de construir, isto é, construir no espaço, e, por outro lado, o ato de narrar, ordenando o enredo no tempo (RICOEUR, 2002, p. 11).

3 Citação original em espanhol: “Como ponto de partida, quisiera trazar una analogía o, más bien, lo que a primera vista no parece ser más que una analogía: un estrecho paralelismo entre arquitectura y narrativa: la arquitectura sería para el espacio lo que el relato es para el tiempo, es decir, una operación «configuradora»; un paralelismo entre, por un lado, el acto de construir, es decir, edificar en el espacio, y, por otro lado, el acto de narrar, disponer la trama en el tiempo”. RICOEUR, P. *Arquitectura y narrativa*. *Architectonics: Mind, Land & Society*, n. 4, p. 9–29, 2002.



Figura 2 - Collage no Theatro São Pedro utilizando fotografias do passado e do presente. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor Virgílio Calegari, década de 10; e foto: Felipe Rodrigues, 2017.

Pesavento (1999) narra o desenvolvimento da cidade e pontua algumas das transformações urbanas ocorridas na cidade. A Catedral Metropolitana com sua cúpula de bronze começou a ser erguida em 1921 no mesmo local da Igreja Madre de Deus. Esta surgiu junto com a cidade de Porto Alegre tendo como companhia a Capela do Espírito Santo que foi desmontada pedra por pedra para ser reerguida nos Campos da Redenção. O Palácio Piratini, atual sede do Governo, substituiu o antigo Palácio de Barro, sede da República Riograndense. O monumento a Júlio de Castilhos, no centro da Praça da Matriz, com toda sua simbologia positivista e representativa do período da República, foi inaugurado em 1913 e tomou o lugar do chafariz instalado em homenagem ao Império. O chafariz, por sua vez, contava com a personificação dos quatro afluentes da bacia do Guaíba em estátuas: o Rio Gravataí, o Rio dos Sinos, o Rio Caí e o Rio Jacuí, além de uma estátua no topo do chafariz aludindo o próprio Rio Guaíba (Figura 1). O prédio moderno do Palácio da Justiça foi construído após o incêndio, em 1949, do antigo Tribunal de Justiça, edificação que era gêmea do Theatro São Pedro. O Theatro São Pedro resistiu ao tempo e permanece presente na paisagem da Praça da Matriz, quase sem alterações (Figura 2). Tendo sua construção iniciada em 1833, com o projeto arquitetônico de estilo neoclássico de Filipe de Normann e pausada em 1835, com o início da Revolução Farroupilha. As obras foram retomadas cerca de dois anos após o fim da Revolução, em 1845, sendo inaugurado no ano de 1858.

Os elementos arquitetônicos, tanto os substituídos, quanto os que se mantiveram na Praça, podem ser observados através de registros imagéticos, reminiscências do passado, tal como as fotografias antigas. Essas fotografias carregam, além das representações, uma parcela de memórias do instante de seu registro, bem como resquícios de outros tempos. Gaston Bachelard apresenta o tempo em sua descontinuidade sendo portador de instantes.

O tempo só se observa pelos instantes; a duração – veremos como – só é sentida pelos instantes. Ela é uma poeira de instantes, ou melhor, um grupo de pontos que um fenômeno de perspectiva solidariza de forma mais ou menos estreita[...] A memória, guardiã do tempo, guarda apenas o instante (BACHELARD, 2010, p.34-36).



Figura 3 - Comparação entre as fotografias do Theatro São Pedro. Uma realizada em 1880 e a outra fotografia em 2017. Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, autor desconhecido, 1880; e foto: Felipe Rodrigues 2017.

Posto isto, as fotografias podem ser entendidas como portadoras de memórias, por se tratarem de “instantes” congelados no tempo, dos processos de transformações urbanas em Porto Alegre. Porém as próprias fotografias que retrataram as metamorfoses urbanas também são fragmentárias, pois representam a cidade em partes. O ato fotográfico é sempre reduutivo, o fotógrafo sempre tem de fazer um recorte, intencional, do que pretende registrar. Fernando Fuão diz que “a fotografia e seu registro impresso constituem o fragmento, a figura de ação da collage” (2011, p. 13). A limitação do enquadramento não permite que se represente toda a cidade em uma só foto. Mas, a partir da junção de seus fragmentos é possível remontar a cidade, pois, “o todo não é a soma de partes ou fragmentos, embora os fragmentos façam o todo” (2011, p.14).

Porto Alegre, assim como todas as cidades, pode ser vista como um objeto temporal em constante transformações ocasionadas por processos de destruições e reconstruções resultantes de sucessivos planos e projetos urbanos executados, ao longo do tempo, que acabam por configurar a forma<sup>4</sup> da cidade. Essas transformações, ocorridas na forma da cidade, configuram-se como escritas urbanas. David Harvey cita Roland Barthes corroborando isso.

Se experimentarmos a arquitetura como comunicação, se, como Barthes (1975-92) insiste, “a cidade é um discurso e esse discurso é na verdade uma linguagem”, então temos de dar estreita atenção ao que está sendo dito, em particular porque é típico absorvermos essas mensagens em meio a todas as outras múltiplas distrações da vida urbana” (HARVEY, 2008 p.69-70).

Deste modo, torna-se possível a proposição da ideia de se (re)narrar os processos de transformações urbanas utilizando a collage de imagens. Narrar de novo aquilo que, de certa forma, já foi escrito.

Fotografias são fragmentos de um discurso visual, citações, corpos, objetos, figuras a serem trabalhadas. Cada figura é um argumento,

<sup>4</sup> Aldo Rossi afirma que “a forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade” (2001, p.57).

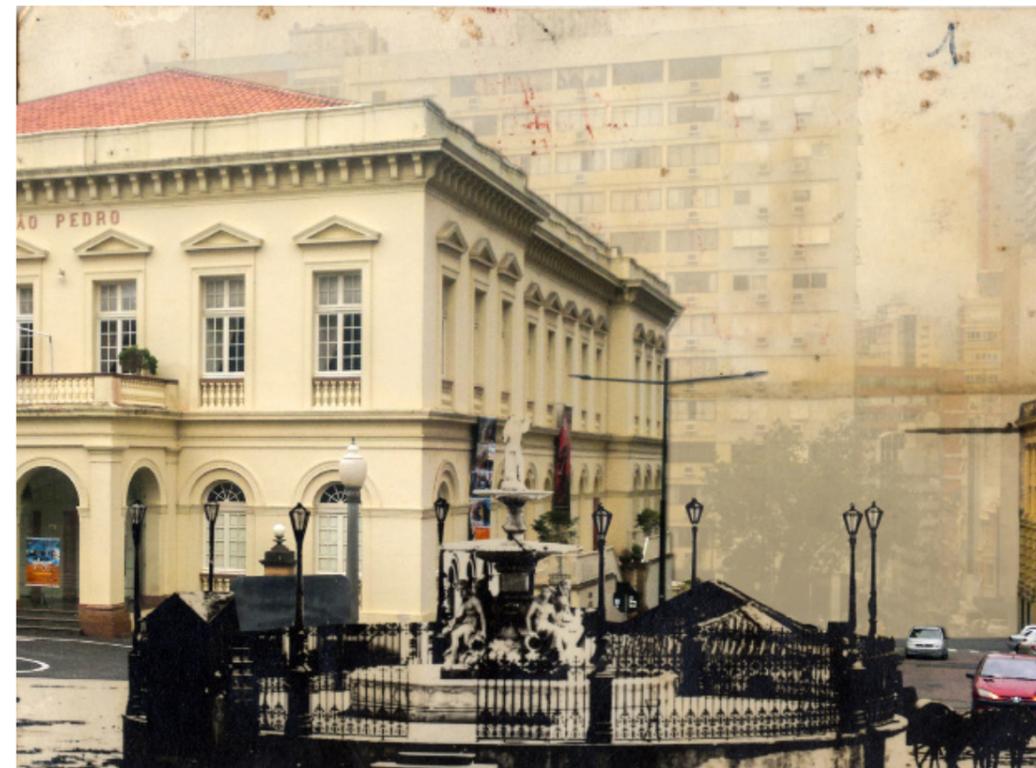


Figura 4 - Collage da frente do Theatro São Pedro, ressaltando a supressão da vista do Rio Guaíba ocasionada pelo crescimento dos prédios ao redor da Praça da Matriz. Felipe Rodrigues, 2017.

uma história deslocada, uma narrativa. A collage é o lugar onde se dá o encontro de uma linguagem amorosa, onde as figuras se revelam e exibem em sua essência, porque deixaram de ser index através do recorte. (FUÃO, 2011, p.30-31).

Para tanto, uma busca por fotografias do passado que contenham memórias sobre as transformações da cidade, foi necessária. Visita a museus e acervos a fim de coletar imagens antigas, os fragmentos. Para depois, promover o encontro entre eles e, através da collage, remontar o tempo criando um novo panorama da Praça da Matriz. Panorama que evidencia os sucessivos processos de transformações urbanas e propicia com que outras narrativas sejam criadas sobre a metamorfose da cidade. Narrativas, “que possibilite a articulação das vivências do hoje com as de ontem, de modo a permitir que as pessoas vejam, em épocas passadas, a sua própria época” (PESAVENTO, 1995, p.43).

O início do processo da pesquisa se deu através de uma busca exploratória por imagens antigas da Praça da Matriz, dispersas pela internet. Diversos tamanhos, tempos, resoluções. Logo, essa busca saiu do virtual e foi para dentro de acervos de Museus de uma forma mais criteriosa de imagens que possibilitassem remontar o tempo na Praça da Matriz. No Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo uma volta ao passado por meio de uma busca labiríntica por termos, nomes e características que fizessem menção à Praça da Matriz: Praça do Palácio, Praça Dom Pedro II, Praça Marechal Deodoro (nome oficial), Monumento a Júlio de Castilhos, Catedral Metropolitana, Palácio Piratini, Theatro São Pedro, Bailante... Essas foram algumas das palavras-chaves para tentar achar imagens deste local. Ecos de outras épocas que ressoam ainda hoje.

Muitas das fotografias que resistiram ao tempo são de Virgilio Calegari, fotógrafo italiano radicado em Porto Alegre no final do século XIX. Calegari teve como missão retratar o progresso e as transformações da cidade de Porto Alegre na passagem do século XIX para o século XX, e assim, acabou sendo justamente quem preservou a imagem da cidade no passado. A sua escolha por fotografias amplas e panorâmicas possibilitou o registro de instantes que reverberam ainda hoje na memória da cidade. Muitas de suas fotografias sobre a cidade reunidas em álbuns, que ajudaram a alimentar um imaginário urbano moderno como nos conta Possamai:

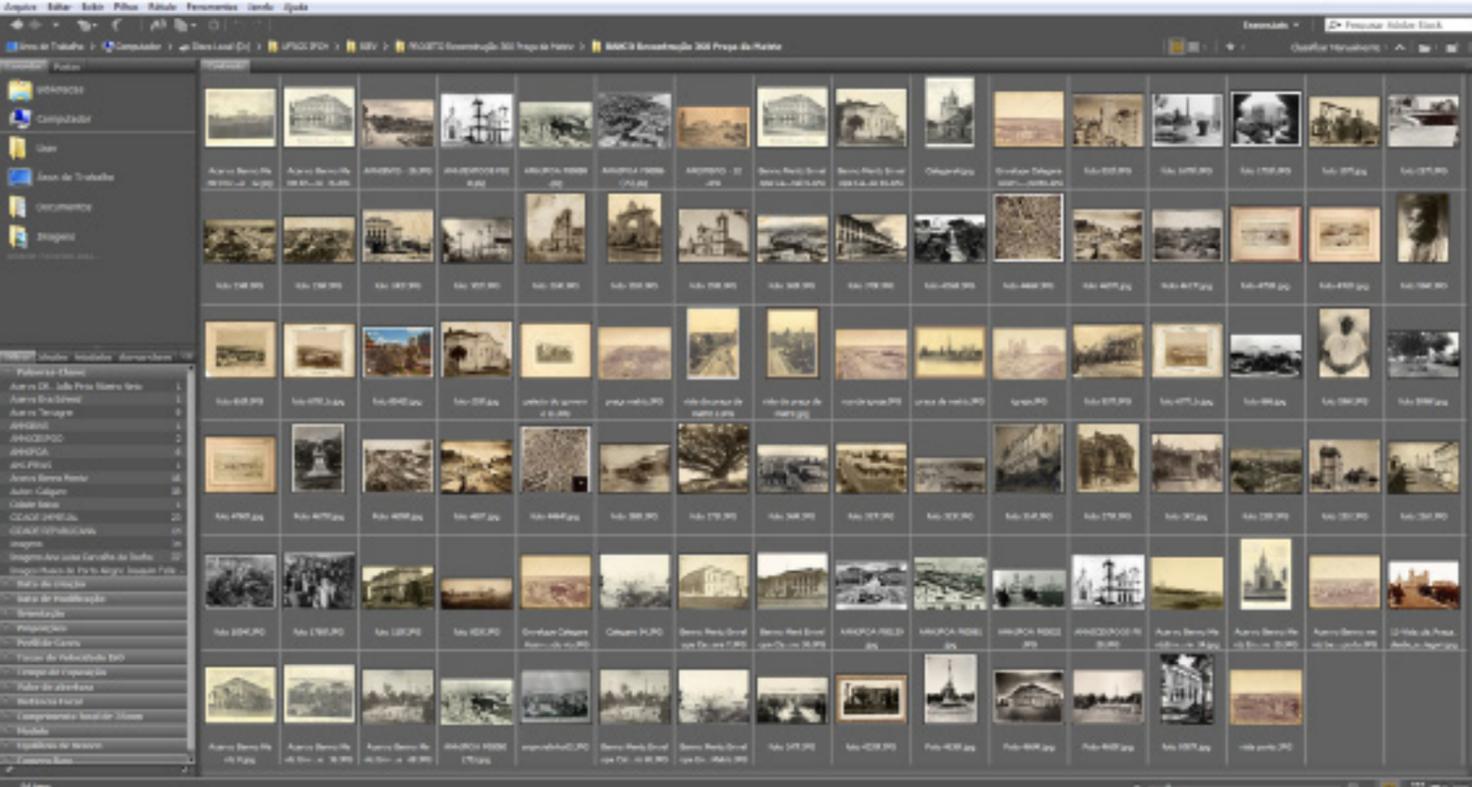


Figura 5 – Captura de tela do banco de imagens criado para a remontagem do tempo da Praça da Matriz, utilizando o software de gerenciamento de mídias Adobe Bridge. Felipe Rodrigues, 2017.

A propagação das imagens fotográficas reunidas nos álbuns dos Irmãos Ferrari e, posteriormente, de Virgílio Calegari contribuíram para a divulgação de um imaginário urbano calcado na visualidade fotográfica, abrindo as portas para imagens apologéticas do ideário urbano moderno, amplamente disseminado no momento em que Porto Alegre passava a viver transformações mais profundas do seu desenho urbano, a partir da década de 1920 (POSSAMAI, 2005, p.94).

Imagens como as presentes no álbum *Porto Alegre: Biografia Duma Cidade. Monumento do Passado. Documento do Presente. Guia do Futuro*<sup>5</sup>, tinham o propósito de servir como propaganda à administração de José Loureiro da Silva. Fotografias encomendadas para retratar as transformações e a modernização da cidade, em sua grande maioria, imagens assépticas, limpas, ressaltando a organização da cidade e a monumentalização de determinados prédios.

Na Praça da Matriz, ao defrontar as representações do passado com o seu estado atual, percebe-se que houve transformações em algumas edificações: a Igreja da Matriz, o Palácio Piratini e o Palácio da Justiça. Novos elementos surgiram: a Assembleia Legislativa, a Arborização da Praça, asfalto. E alguns foram suprimidos ao longo dos anos na Praça, como a Bailante e a concha Acústica do Araújo Vianna. Porém, alguns se mantiveram quase da mesma maneira. O Theatro São Pedro ilustra isso (Figura 3).

E tem um elemento, da natureza, que se manteve, mas não está mais visível, o Rio Guaíba. A sua invisibilidade contradiz a própria de fundação de Porto Alegre, que se estabelece como sede, vinda de Viamão, no Alto da Praia, para que se pudesse controlar a bacia do Guaíba e seus afluentes. Hoje não se vê mais o Rio, apesar dele estar lá. A cidade cresceu em volta da Praça, ilhando-a (Figura 4).

A partir da coleta das imagens, do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo; do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa; do acervo do Memorial do Legislativo do Rio

<sup>5</sup> Lançado em comemoração ao bicentenário de Porto Alegre e publicado em 1940.



Grande do Sul; e do acervo do BIEV. Foi possível a criação do meu próprio banco de imagens. Todas as fotografias reunidas em um só local. As imagens catalogadas, referenciadas e separadas por autores ou proveniência. Para tanto, utilizei como ferramenta *software Adobe Bridge*, que propicia um gerenciamento de mídias (Figura 5). Através dele foi possível manter as imagens juntas, porém categorizadas com meta informações, metadados, o que possibilitando uma meta busca dentro desse banco de imagens.

O início do processo de remontar o tempo na Praça, misturando imagens, autores e datas distintas, ocorreu com muitas dificuldades. Diferentes perspectivas, enquadramentos e ruídos vão surgindo nas primeiras tentativas de realizar a collage.

A collage é um processo de produção de novos objetos, formas e imagens, provenientes da associação de objetos e figuras já existentes. É um procedimento que tem seu produto originário da fusão associativa de formas e ideias, sendo um modo de deixar o mundo falar através de suas imagens, signos e fragmentos. É uma linguagem, uma conversa que grita contra a ordem das coisas, de seus conceitos e significados, de suas intolerâncias e preconceitos. É uma anti-linguagem, uma linguagem de violação de códigos (FUÃO, 2011, p.08-09).

Talvez a dificuldade maior surgiu do fato de considerar que estou escrevendo com essa imagem, como quem escreve com as palavras de outros autores, ao procurar não distorcê-las e utilizá-las exatamente da mesma forma como os fotógrafos as registraram no passado. Sem a perspectiva de autoria minha na utilização dessas fotografias, o que ocorre é apenas um encontro entre elas, não uma collage. “Um dos objetivos da collage é retirar a superficialidade estampada das figuras e fazer com que revelem o profundo e amplo significado que se escondem em seu interior” (FUÃO, 2011, p. 30).

Por fim, ao longo de várias tentativas, obtive esta reapresentação da remontagem do tempo na Praça da Matriz (Figura 6).

A reapresentação criada conta com uma grande distensão de tempo, pois vemos misturados vários momentos da Praça, a Bailante junto com o Monumento a Júlio de

Figura 6 - Primeira tentativa de remontar o tempo na Praça da Matriz. Felipe Rodrigues.



Castilhos, além da utilização de uma fotografia sem a futura Catedral Metropolitana, um registro das obras de sua construção, com a inserção digital dela já pronto para integrar essa tentativa de remontagem da Praça da Matriz (Figura 7).

Para tentar solucionar essa amplitude de tempo, uma nova abordagem de como pensar essa reapresentação foi necessária. Assim, surge a perspectiva de uma fragmentação do próprio tempo na Praça, recortar ele em camadas. Para tal feito tive de voltar as imagens do banco que criei com as fotos coletadas em diferentes acervos, e buscar não mais autorias, e sim, rastros, pistas e memórias existentes em cada imagem. Arranjando elas em duas coleções<sup>6</sup>.

A primeira coleção compreendendo o intervalo de tempo de 1866, data da inauguração do chafariz em homenagem à visita do Imperador Dom Pedro II e aludindo aos cinco grandes rios que formam a bacia do Guaíba, até 1920, data da demolição, da antiga Matriz, dedicada a Maria, Madre de Deus, e do prédio da Sociedade Bailante, o salão de bailes que animava as noites porto-alegrenses, para a construção do auditório Araújo Vianna no local. Dentro do banco de imagens a categorização foi feita com base na busca de elementos deveriam estar ali nesse intervalo de tempo, tais como:

<sup>6</sup> Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2013), apresentam as coleções etnográficas e o método de convergência, como procedimentos de pesquisa para a realização da etnografia da duração, metodologia desenvolvida para investigações antropológicas das e nas sociedades complexas.

A capela do Divino Espírito Santo, o Palácio de Barro (sede do Governo), a sede da Sociedade Bailante, o Theatro São Pedro, o Palácio da Justiça e o Chafariz.

A segunda coleção foi categorizada a partir de elementos que remetessem ao período de 1920, com a o início da construção da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, até 1949, ano do Incêndio do Palácio da Justiça. Nesse período houve significativas transformações na Praça da Matriz, como a substituição da sede do governo do antigo Palácio de Barro pelo Palácio Piratini, em 1921. Surge a Concha acústica do Araújo Viana, inaugurada em 1927, ao lado do Theatro São Pedro. Outro ponto de inflexão com a mudança de abordagem na construção da reapresentação da Praça foi a reflexão sobre o próprio processo de remontagem do tempo. Até então apenas operava um *software* na tentativa de juntar as fotografias, sem cometer nenhuma intervenção, e torcendo para que elas pudessem evocar alguma narrativa.

Para a criação de uma narrativa, é indispensável a figura do narrador. Assim, ao me assumir na figura do narrador, abre-se a possibilidade de um diálogo com os autores das fotografias do passado, estando agora, autorizado a intervir nas imagens, fechando alguns buracos e completando omissões, promovendo o encontro dessas imagens através da collage. Para a criação da collage, percebo que não estou operando apenas com um *software*, e sim, utilizando de uma linguagem. Lanço mão do *Adobe Photoshop*, para realizar a collage de forma digital, porque ele possibilita o trabalho com camadas, *layers*, bem como as camadas utilizadas para remontar o tempo na Praça da Matriz.

Figura 7 - Collage de um panorama parcial da Praça da Matriz apresentando uma grande distensão de tempo. Felipe Rodrigues, 2017. Figura 8 - Processo de realização da collage do panorama reapresentando a primeira camada de tempo da Praça da Matriz, com fotografias de diferentes autores no período de 1866 até 1920. Figura 9 - Processo de realização da collage do panorama reapresentando a segunda camada de tempo da Praça da Matriz, com fotografias de diferentes autores no período de 1920 até 1949. Felipe Rodrigues.



Ao trabalhar com coleções etnográficas de imagens presentes e passadas, estamos operando com uma convergência de imagens da quais a imaginação criadora do antropólogo participa intensamente em seu processo de produção de imagens como forma de narrar a cidade, dando a ela um *continuum* de consciência a si e a todos os outros nelas representados. (ECKERT & ROCHA, 2013, p.60)

Dessa forma, a collage da primeira camada, de 1866 até 1920, passa a se configurar como a narrativa que quero contar sobre as memórias do passado na Praça da Matriz (Figura 8).

O mesmo processo foi utilizado para a collage que remonta o tempo da segunda camada, de 1920 até 1949, explicitando os processos de transformações urbanas ocorridos na Praça da Matriz (Figura 9).

### Conclusão

O panorama surge como consequência do encontro das imagens, com datas e autorias distintas, coladas de modo que os elementos se encaixem, a fim de criar uma narrativa, ficcional, mas que, de certo modo, reinterprete uma possível forma da Praça da Matriz em outro tempo. Os planos e contraplanos contidos dentro dos panoramas, construídos com o processo da collage das fotografias, possibilitaram com que fosse editado um vídeo sobre a Praça da Matriz em 360°<sup>7</sup> (Figura 10). O vídeo é melhor visualizado com o auxílio de óculos de realidade virtual (VR), que faz com que o espectador imerja nas camadas de tempo, partilhando e, de certa forma, recriando um imaginário sobre a Praça.

O vídeo, por ser em 360°, mesmo não sendo interativo, permite ao espectador escolher o que pretende observar girando em torno do seu próprio eixo, na reinterpretação panorâmica da Praça da Matriz (Figura 11). Então, como tem sempre algum trecho do vídeo que fica suprimido do seu campo de visão, podemos dizer que o espectador assiste a fragmentos do vídeo, pois ele o recorta com seu olhar. “O que inaugura a collage é a tesoura, o olhar que paira sobre as figuras, o olho que vaga pelas superfícies impressas em busca de algo. Enfim, o olho seleciona, classifica, divide, organiza, rechaça, associa, discrimina, analisa e constrói” (FUÃO, 2011, p. 33). Assim,

<sup>7</sup> [https://youtu.be/3\\_eCKGHJKJU](https://youtu.be/3_eCKGHJKJU)



o espectador também pode construir a sua própria narrativa a partir da remontagem do tempo, dos fragmentos que assistiu do vídeo, colando-os à sua maneira.

Ao longo dos quase quatro minutos de duração do vídeo, é possível acompanhar o processo de construção da collage, o encontro das imagens, uma a uma vão se sobrepondo para a finalização do panorama até a junção delas em uma camada única. Em cada uma das camadas, pouco a pouco, vão sendo pontuadas e datadas as transformações nos elementos arquitetônicos, para que, quando haja a transposição, da primeira para a segunda camada, fique mais aparente, tanto as mudanças, quanto às permanências na Praça da Matriz. Logo, as próprias camadas, por serem fragmentações do tempo, acabam, ao serem sobrepostas se configurando como uma espécie de collage. O vídeo tem como trilha um trecho da composição de Heitor Villa-Lobos, *Bachianas Brasileiras Nº 2 - IV. Tocata (o trenzinho do caipira)*, por que o maestro foi contemporâneo dos tempos rerepresentados pelas camadas.

O intuito de remontar o tempo na Praça da Matriz é para a recuperação da memória dos processos de transformação urbana na praça da Matriz. A collage como uma ferramenta para a reinterpretação da Praça outros tempos. O uso de fotografias do passado como fragmentos de memórias possibilitando outros olhares e perspectivas sobre a cidade. O que se pretendeu não foi a perspectiva de trazer respostas fechadas sobre como se deram as transformações, mas sim abrir um novo campo de possibilidade ao se mostrar outras das possíveis versões de como ocorreram os processos de transformações, tal como deixar tantas outras possibilidades em aberto.

A imagem possibilita o acesso a um saber arcaico e a formas primitivas de conhecimento, às quais a literatura sempre esteve ligada, em virtude de sua qualidade mítica e mágica. Por meio de imagens – no limiar entre a consciência e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época. É essa leitura que se propõe Benjamin enquanto historiógrafo. Partindo da superfície, da epiderme de sua época, ele atribui a fisiognomonia das cidades, à cultura do cotidiano, às imagens do desejo e fantasmagorias, aos resíduos e materiais aparentemente insignificantes a mesma importância que às “grandes ideias” e às obras de arte consagradas. Decifrar todas aquelas imagens e expressá-las em imagens “dialéticas” coincide, para ele, com a produção de conhecimento em história (BOLLE, 1994).

Logo, bem mais que o princípio de explicação dos processos de transformações urbanas, a realização da collage, teve o propósito de explicitação desses processos no tempo, escovando-as “à contrapelo” (BENJAMIN, 2009, 922). E através da recuperação

Figura 11 - Panoramas finalizados da primeira camada de tempo, de 1866 até 1920, e da segunda camada de tempo, de 1920 até 1949, da Praça da Matriz utilizados na edição do vídeo em 360°. Felipe Rodrigues.

das memórias contidas nos fragmentos possibilitar o afloramento de outras narrativas sobre a Praça da Matriz e a cidade de Porto Alegre.

A narrativa não seria apenas uma forma de reescritura das memórias do passado, e sim heterocronias, mistura de tempos heterogêneos advindos de collage de tempos e espaços distintos (JACQUES, 2018, p. 223). A narrativa daria conta de um terceiro tempo, um outro tempo onde “não há um tempo futuro, um tempo passado e um tempo presente, mas um tríptico presente, um presente das coisas futuras, um presente das coisas passadas e um presente das coisas presentes” (RICOEUR, 1995, p.96), alcançando assim uma intratemporalidade ao (re)narrar “no” agora as memórias do passado através da remontagem do tempo na Praça da Matriz. No tempo de quem lê e acessa o imaginário das transformações urbanas.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Trad. Antônio de Pádua Danesi (2ª ed.). Campinas/SP: Versus Editora, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *A origem do drama barroco alemão*. 1a ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Tradução de Irene Aron; Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BOLLE, Wille. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- ECKERT, Cornelia.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. 1a ed. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.
- FRANCO, Álvaro, et. *Pôrto Alegre: Pôrto Alegre: Biografia Duma Cidade. Monumento do Passado. Documento do Presente. Guia do Futuro*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940.
- FUÃO, Fernando Freitas. *A collage como trajetória amorosa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein. Pensar por montagens. *Nebulosas do pensamento urbanístico* - tomo I – modos de pensar, p. 206–235, 2018.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória Porto Alegre: Espaços e Vivências*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidades/UFRGS, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o Imaginário Social. *Cultura Vozes*, n. 5, p. 34–44, 1995.
- POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. 2005. 287f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Arquitectura y narratividad*. *Arquitectonics: Mind, Land & Society*, n. 4, p. 9–29, 2002.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas, SP Papyrus, 1995.
- ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIEIRA, César Bastos de Mattos. *A fotografia na percepção da arquitetura*. 2012. 375f. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.